



Director literario:
Alcides Amorim
PAPIM

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

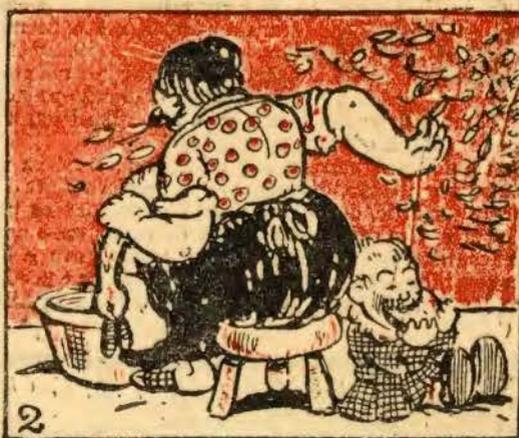
O SECULO

Director artistico:
Eduardo de Sá
PAPUSSE

MENINO - VELHO



De bochecha lambuzada,
e até lambendo o nariz,
vai comendo este petiz
um naco de marmelada.



Ao pé duma cosinheira
depenando um pato ganso,
vai sentar-se o grande tanso
todo entregue à petisqueira.



Mas a penúgem do pato,
vai voando pelo ar;
e acaba por se pegar
às bochechas do gaiato,



Nisto o guarda de serviço,
ao ver, assim, um fedelho
já de barbas como um velho,
foge com medo ao feitiço!

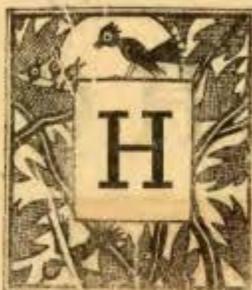
Tiolónio



BUSCANDO EMOÇÕES

: Por ANA PINA:

Bonecos de TIONIO



HAVIA feira naquêle dia. A animação era imensa na vila, habitualmente socegada. Por todos os lados havia gente, envergando o fato de vêr a Deus, como se diz vulgarmente. Havia de tudo na feira. Barracas para todos os gostos e feitios, mas o que principalmente chamava a atenção, era a barraca dos saltimbanco, vistosamente enfeitada e ostentando um pomposo cartaz. O grande numero

de atração, era o domador Romualdo e sua filha Nita, trabalhando com tigres e leões.

Chegou a noite. A barraca dos saltimbanco estava repleta. Entre a multidão, distinguiam-se, pelo seu porte distinto e traço elegante, dois homens, que ocupavam os primeiros lugares. Um deles, bela figura de velho, era o opulento e excêntrico *lord* Simour, o outro, muito novo e bonito, era seu filho Gaspar. Viajavam em busca de emoções, e o acaso levou-os àquela vila, situada no coração da Alsa-

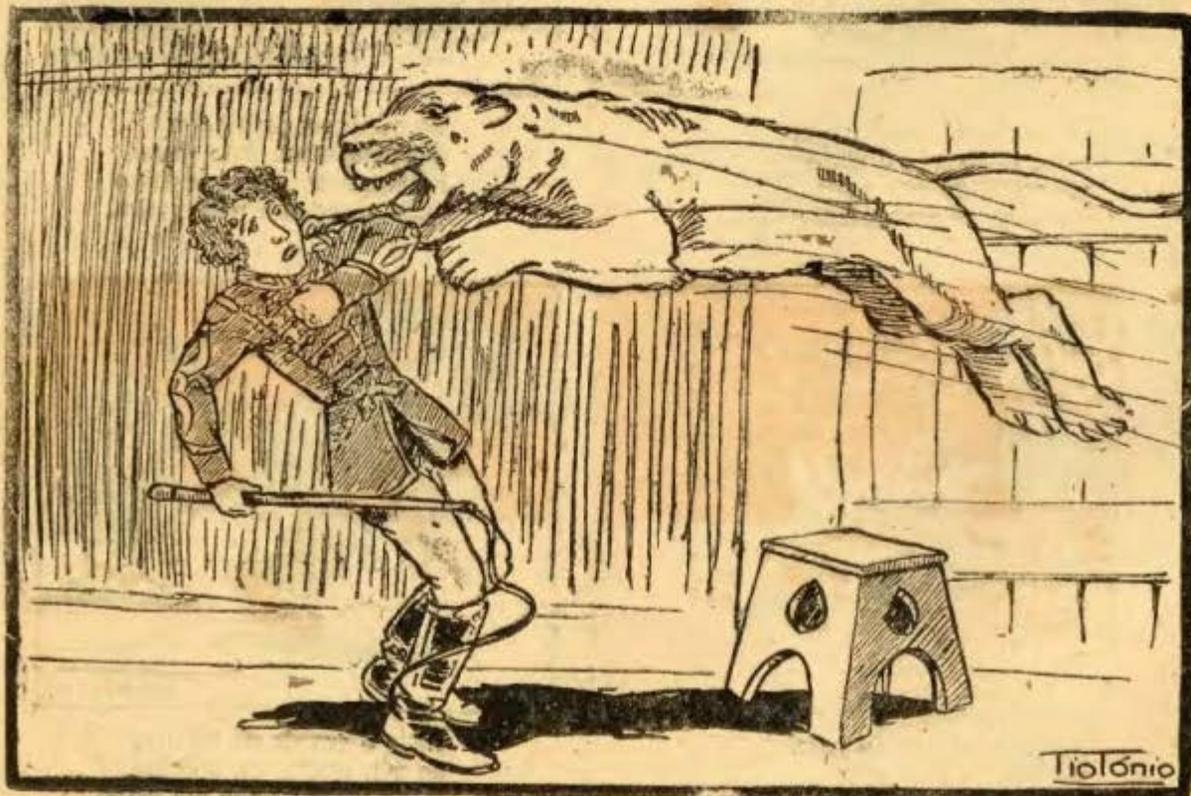
cia. O velho *lord*, via com a mais perfeita indiferença os diversos números, pois somente os domadores o interessavam. Por fim, a filha do domador, entrou numa jaula, onde um famoso leão se pavoneava. Era gentil e atraente a juvenil domadora. Assentava-lhe, admiravelmente, o «mailot» azul, e, na sua soberba cabeleira ficavam a matar duas lindas rosas vermelhas.

O seu trabalho foi bom e mereceu fartos aplausos

O juvenil *lord* sentia-se arrebatado pela gentil artista, que, por sua vez, se sentia atraída para ele. Os seus belos olhos brilharam de alegria, quando, o belo rapaz, lhe atirou um ramo de camelias brancas, que ela levou, gentilmente, aos lábios purpurinos.

Quando o pai de Nita apareceu, com a soberba leão, teve uma ovação entusiástica. O seu trabalho foi soberbo. A saída, Gaspar, manifestou, entusiasticamente a sua admiração pela graciosa domadora.

— Sim, — respondeu-lhe, fleugmaticamente, o pai, — mas eu prefiro sensações mais fortes. Se o tigre se voltasse contra o domador, ou o leão cravasse as garras na formosa domadora, isso sim, seria soberbo, admirável! Mas, paciência,



eu voltarei a ver os domadores e presinto que me hão de causar uma comoção violenta.

E o excêntrico velho acendeu um perfumado charuto, enquanto que o filho palidecia só à ideia de ver Nita, ensanguentada, sob as garras da fera.

Ora, os saltimbancos, tinham ganho bastante naqueles ultimos tempos, o que enchia de inveja os colegas menos afortunados. Havia então um, que não podia esconder a raiva e inveja que tinha do domador Romualdo.

Não julguem, porém, que o pai de Nita, tivesse dinheiro. Não, não tinha, porque o sustento das feras era muito dispendioso, e ele tivera de pagar os ordenados, muito atrasados, aos artistas.

Chegou o ultimo dia da feira. Os bilhetes tinham-se vendido todos, e a receita fôra magnifica. Romualdo fôra á cidade proxima comprar coisas que lhe eram indispensaveis.

Era quasi noite e ele temia chegar tarde, e, por isso, apressava o passo. A certa altura, ao passar por um canavial, o invejoso cigano que o esperava, descarregou-lhe na cabeça uma formidavel paulada. Romualdo tombou inanimado, e o miseravel, depois de lhe roubar o dinheiro que levava, fugiu desabaladamente, pela estrada.

Nita, inquieta pela demora do pai, saiu em sua procura, com dois moços. Levaram o infeliz numa padiola improvisada rapidamente, deitaram-no no leito e a aflita filha foi tratando de o reanimar. A pobresinha chorava tristemente.

O espectáculo começara. Fazendo das fraquezas forças, Nita, foi trabalhar. Faltava só o numero final, que era o do domador trabalhando com o feroz carnívoro. Um dos palhaços veio falar ao público, pedindo desculpa de, naquela noite, o domador não trabalhar pois encontrava-se doente e ninguém mais se atreveria a trabalhar com a leão. O público, porém, não quiz assim. Viera ali para ver a leão, e nada mais. Apresentassem o animal ou reembolsassem o dinheiro. Isto, porém, era impossível, visto o di-

nheiro ter sido roubado. Nita enchen-se de coragem e apresentou-se ao público dizendo que trabalharia ela com a leão. Foi um delírio. Lord Gaspar, palideceu extremamente. Seu pai conservava-se impassivel. Fizera-se um profundo silêncio. Nita aproximou-se da jaula, deitou um longo olhar de despedida ao joven lord, e entrou resolutamente na jaula. Santa e valente menina! Bem sabia ela o que ia fazer, pois a leão só a Romualdo obedecia. A jovem fez estalar o chicote. A fera rugia, dardejando raivosamente o seu olhar de fogo, sobre a domadora. Agachada a um canto, raspava nervosamente o chão, com as patas. Nita sentiu-se tão fatigada, tão exausta, que para não cair precisava apelar para toda a sua energia. Súbitamente de todas as bocas saiu um grito de horror. A leão, dum pulo, lançou-se sobre Nita, rasgando-lhe com as garras acerasdas os hombros mimosos. Mas ao mesmo tempo soou um tiro, e a soberba habitante das selvas tombou, junto do corpo ensanguentado da domadora. Fôra o joven lord quem assim salvára a gentil menina, que secretamente amava. Levaram Nita para dentro, e o velho lord, seguido do filho foi também. Dirigindo-se aos consternados companheiros da desventurada domadora, disse-lhes:

—Meus amigos, hoje tive uma noite soberba, uma emoção inolvidável! Devo-a a essa linda rapariga. Levem-na a ela e ao pai, para o meu hotel, e todas as despesas correrão por minha conta. Oh! Noite inolvidável!

E agora querem saber como terminou a história? Pois bem, eu a termino.

Tanto o pai como a filha, se restabeleceram rapidamente. O velho lord levou-os para o seu castelo, na Escócia, onde pouco depois Gaspar e Nita se uniram pelo matrimonio. Isto passou-se há anos, mas o sogro de Nita, hoje rodeado de netinhos, ainda se lembra, com saudade, daquela noite em que sentira a maior emoção da sua vida.

FIM

DESENHO INFANTIL



O José Mata-Gigantes

Por MATEUS NUNO RODRIGUES

Desenhos de TIOTÓNIO



QUANDO José começou a caça dos gigantes era ainda um garoto de 15 anos. Estava na idade em que os rapazes só pensam em apanhar ninhos ou apanhar borboletas; mas ele só queria aquela faina, pois sabia o mal que os gigantes faziam a toda a gente.

Estreou-se com um, a quem tinha dado a alcunha do Tubarão por engulir as pessoas e os bichos tão facilmente como aquele grande peixe engolia os peixes mais pequenos e também porque

nunca se fartava, por mais comida que metesse para o estômago.

As vezes o Tubarão saía de sua casa, situada numa rocha muito alta, e, conforme costumava, dizia que ia às compras: «Não se julgue por isto que comprava o seu sustento; isso sim! Dava a mão a tudo que ia encontrando, e depois de papar o que mais lhe apetecia, levava o resto para a despesa.

A volta para casa é que ele metia maior pavor. Com uma das manípulas, segurava pelos cabelos a meia dúzia-

de homens e de mulheres, que levava caídos para trás das costas, os quais não paravam de berrar e de barafustar; com a outra agarrava pelos rabos em outras tantas vacas e bois, que formavam uma cambalhada.

Já se pôde imaginar a raiva de morte que lhe tinha o povo, mas o gigante não se importava com isso e só tratava de comer bem e de beber ainda melhor.

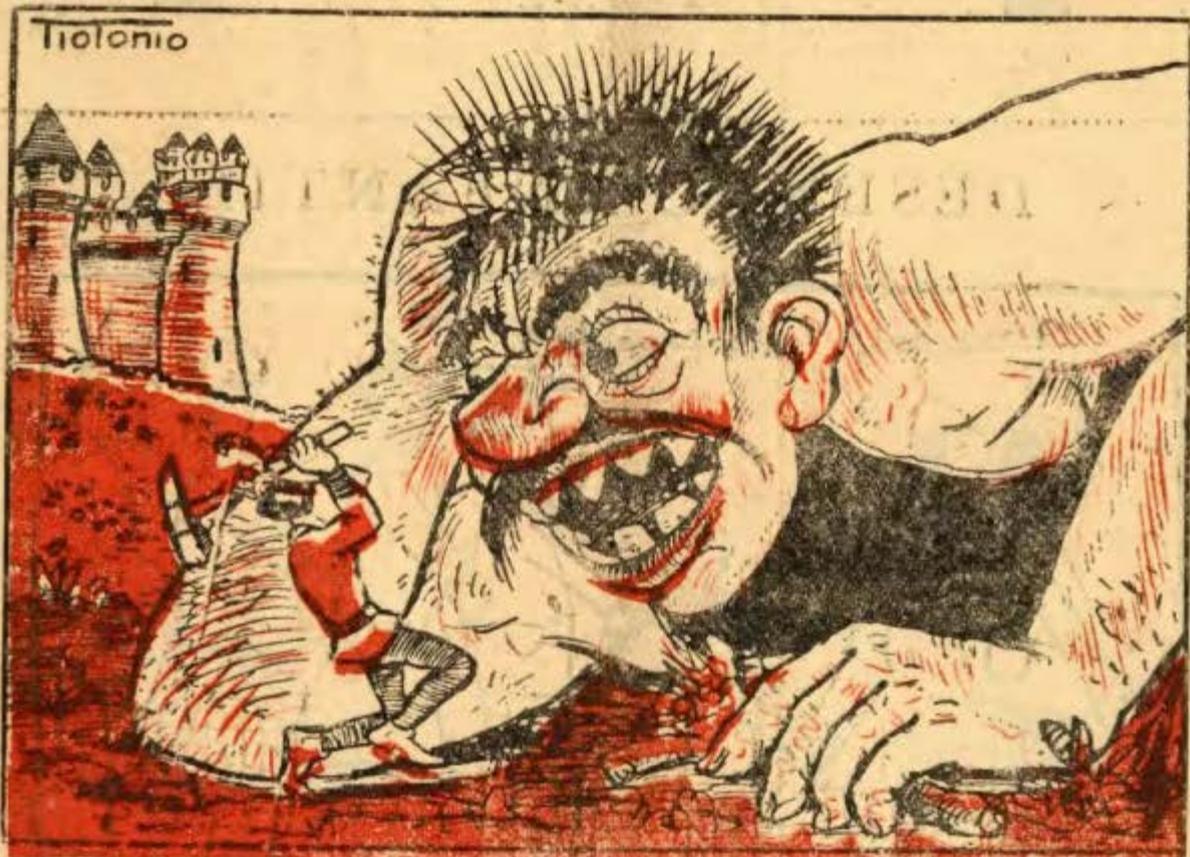
O copo, que despejava muitas vezes ao dia, era do tamanho de um barril.

Punha-se de um lado da meza e dizia «*La vai à sua Tubarão!*» e vasava o copo de um trago. Passava para o outro, enchia outra vez o copo e dizia «*Obrigado só Tubarão!*» e mandava outro copão para a pá do buxo.

Depois de apanhar algum tartote dos maiores, ficava em casa uns três ou quatro dias a esmoer a comida como faz a giboia.

O José soube que o gigante tinha apanhado uma das tais pancadas e tratou de caçá-lo. Para isso escavou no meio do caminho que ia dar ao Castelo do Tubarão um póço de altura de quatro a cinco homens e tapou-o com galhos de pinheiros. Por cima destes pôs sócos velhos de sarapilheira e espalhou terra e pedras de modo que ninguém diria que por baixo houvesse uma cova.

Quando acabou a obra subiu até ao castelo e bateu com



força à porta principal gritando: 'Salta cá para fóra, meu grande fracalhão! Quero mostrar que és um covarde! Anda daí Tubarão de uma figa e verás a grande sova que apanhas! O gigante espreitou pela janela e quando viu que era um garoto de 15 anos mais se enfureceu. Espera que eu já te arranjo, meu patife, exclamou o gigante. Verás o que eu costumo fazer a quem me incomoda quanto eu estou dormindo a sesta!

Bem sei, onde te espero, disse José para os seus botões. E desatou a correr, com quantas pernas tinha, pelo monte abaixo seguido de perto pelo gigante que fazia um berreiro de ensurdecer. Por um triz que não encontra o lugar do pôço mas sempre conseguiu descobri-lo e parou um pouco mais abaixo. Dali a um instante, ouviu-se uma grande estalada e a bulha de um corpo pesado que se despenhava de grande altura. O Tubarão estava no fundo do pôço.

Então gigante de má morte, como não ficarão as tuas farroncas; vais aí morrer à fome.

Mas o perigo ainda não tinha passado, porque apesar do pôço ter aquela grande altura, não impediu que dali a pouco surgisse na sua borda a cabeça do Tubarão. Vendo isto o José agarrou no alvião com que tinha aberto a cova e deu, com tanta ância, uma pancada na moleira do gigante que o matou.

Depois de se certificar de que ele estava bem morto, desceu ao pôço e cortou-lhe uma porção de cabelo para oferecer à mãe. E o caso é que a boa mulherzinha teceu um tapete que muito lhe serviu durante o inverno. Deixe vocemecê estar, disse-lhe o rapaz que havemos de arranjar tapetes iguais para todos os quartos da casa.

O povo dos arredores ficou tão grato ao José que lhe ofereceu uma bela espada de damasco de certo mais própria do que um alvião para dar cabo de mais gigantes e um cinturão tendo na frente uma chapa de ouro com estas palavras gravadas:

«Sou eu o destemido valentão,
Que deu morte ao gigante Tubarão»

O grande cadáver ficou sepultado no pôço que o povo encheu de terra e de pedras como se tivesse medo de que o gigante resuscitasse e viesse cá para fóra.

Pouco depois, o José pôs-se novamente em campo à caça de outros gigantes.

Um dia, já farto de caminhar, chegou a um bosque muito sombrio no meio do qual havia uma fonte de água cristalina. Tendo mitigado a sede e como o dia estava bastante quente, deitou-se na relva macia, para descansar e pensar, e era tão agradável estar ali deitado e respirando o ar fresco e sadio do bosque, ouvindo o murmúrio da água, o cantar dos passarinhos e o zumbido das abelhas quando, nisto, mal se precitava, adormeceu.

Ora naquele bosque sombrio e que ficava o castelo do gigante Gargamalo, o mais feroz e cruel de todos os que ao tempo existiam. Como estava com calor Gargamalo foi passear pelo bosque e aproximou-se da fonte para matar a sede.

Brrr! grunhiu ele, quando viu o José. Quem será?!

Nisto leu as palavras gravadas no cinturão e deitou uma das mãos em roda da cintura do rapaz, levantando-o ao ar como se fôsse um bonequito.

De que maneira te hei de torturar com toda a perfeição, antes de te matar?! dizia Gargamalo consigo mesmo, quando ia, a grandes passadas, direito ao castelo.

E enquanto dava voltas ao miolo, no que levou muito tempo por ser coisa tamanha, deixou o José fechado numa torre muito alta do castelo.

(Ver a continuação na oitava página)





E... LÁ SE FOI O REU MÁ TI CO...



Por DULCIDIO DA CUNHA
Bonecos de TIOTONIO

Meninos:

um catedrático,
Achando-se paralítico,
Atacado de reumático,
Chamou uma farmaceutica
Que desse remédio prático,
Usado na terapeutica,
Que lhe curasse o reumático.

Ora ela era epilética
E de figura fantástica;
Magrinha como uma ética
E bem pouco entusiástica.

Chegou a mulher esquelética,
Cançada, pois era asmática,
E quasi perdeu a estética,
Constrangida, serumbática
Ao vêr a figura exótica

Da tal pessoa reumática,
Ficando então tão caótica
Que se movia automática.

Diz o pobre catedrático
Quasi em estado catalético:
— Cure depressa o reumático
Mesmo com *ácido acético*.

Com um dizer tão asnático
Embora seja piadético,
Teve ela um ataque asmático
Seguido de outro epilético,
E ele que não era sético
Não ficou na cama extático;
Levantou-se então, frenético,
E... lá se foi o reumático!

Pombal, 29/9/927.

F I M



José Mata-Gigantes

(Continuado da 5.ª página)

Apenas o rapaz se viu ali prêso, tratou de examinar o sítio onde estava, não deixando em claro o cantinho mais escuso para ver se o podia aproveitar para fugir. Encontrou diversas ossadas humanas, muitos ratos e dois sapos. Mas nada disto lhe servia. Felizmente, num canto, descobriu uma corda muito forte e comprida. Soltou um suspiro, de satisfação.

No muro da torre havia uma fresta gradeada. José conseguiu trepá-la e, deitando a cabeça de fóra, avistou Gargamalo, andando pelo campo em direcção ao castelo, em companhia de outro gigante ainda maior do que êle, mais medonho e ainda mais mal encarado. Bom, pensou José, se não aproveito esta felicidade inesperada, posso dizer adeus á vida. E meteu mãos á obra, valendo-se da corda.

Deve dizer-se que, desde muito pequeno, êle tinha aprendido com os marítimos a fazer toda a qualidade de noz, mas nenhum dos que sabia lhe serviam. Já os dois gigantes, de braço dado, vinham chegando á porta do castelo e era preciso aproveitar imediatamente aquela ocasião única, aliás estava tudo perdido.

Que fez o José? Inventou um nó absolutamente novo e original, semelhante ao nó alemão, com o feitiço de um 8 e formado de duas laçadas corredias que se podiam apertar, puxando pela outra extremidade da corda.

Encostou a cara á grade da fresta, estendeu o mais que poute o braço direito para fóra, tomou farta respiração e ficou esperando... Os gigantes já estavam ao pé da porta, exactamente por baixo da fresta gradeada e pararam um instante, entretidos a conversar. O rapaz calculando tudo, com o maior cuidado, deixou cair a corda. Tate! Cada uma das laçadas enfiou-se pela cabeça do seu gigante e ainda a corda não lhes tinha tocado nos ombros, quando o José a retesou fortemente, pendurando-se nela com todo o seu peso. As laçadas apertaram-se logo em volta do pescoço dos gigantes; os dois brutamontes bem se quiseram soltar mas o mais que fizeram foi grunhir e o rapaz puxou a corda com quanta força tinha, até sentir os musculos estalarem. Depois de puxar o mais que podia, amarrou-a depois á grade muito bem amarrada e desceu por ela.

No castelo encontrou três damas muito lindas, presas a uma arca pelos seus formosos cabelos. Tinham sido presas pelos gigantes que tencionavam assá-las no forno para o jantar daquele dia que seria de alegria para os gigantes, mas foi afinal para José por ter dado cabo de mais dois gigantes, aos quais cortou o cabelo para a mãe fazer mais tapetes, que vendeu por bom dinheiro.

19 de Outubro de 1927.

F I M



José Mata-Gigantes

(Continuado da 5.ª página)

Apenas o rapaz se viu ali preso, tratou de examinar o sítio onde estava, não deixando em claro o cantinho mais escuro para ver se o podia aproveitar para fugir. Encontrou diversas ossadas humanas, muitos ratos e dois sapos. Mas nada disto lhe servia. Felizmente, num canto, descobriu uma corda muito forte e comprida. Soltou um suspiro de satisfação.

No muro da torre havia uma fresta gradeada. José conseguiu trepá-la e, deitando a cabeça de fóra, avistou Gargamalo, andando pelo campo em direcção ao castelo, em companhia de outro gigante ainda maior do que ele, mais medonho e ainda mais mal encarado. Bom, pensou José, se não aproveito esta felicidade inesperada, posso dizer adeus á vida. E meteu mãos á obra, valendo-se da corda.

Deve dizer-se que, desde muito pequeno, ele tinha aprendido com os marítimos a fazer toda a qualidade de noz, mas nenhum dos que sabia lhe serviam. Já os dois gigantes, de braço dado, vinham chegando á porta do castelo e era preciso aproveitar imediatamente aquela ocasião única, aliás estava tudo perdido.

Que fez o José? Inventou um nó absolutamente novo e original, semelhante ao nó alemão, com o feitiço de um 8 e formado de duas laçadas corrediças que se podiam apertar, puxando pela outra extremidade da corda.

Encostou a cara á grade da fresta, estendeu o mais que ponde o braço direito para fóra, tomou farta respiração e ficou esperando... Os gigantes já estavam ao pé da porta, exactamente por baixo da fresta gradeada e pararam um instante, entretidos a conversar. O rapaz calculando tudo, com o maior cuidado, deixou cair a corda. Tate! Cada uma das laçadas enfiou-se pela cabeça do seu gigante e ainda a corda não lhes tinha tocado nos ombros, quando o José a retesou fortemente, pendurando-se nela com todo o seu peso. As laçadas apertaram-se logo em volta do pescoço dos gigantes; os dois brutamontes bem se quiseram soltar mas o mais que fizeram foi grunhir e o rapaz puxou a corda com quanta força tinha, até sentir os musculos estalarem. Depois de puxar o mais que podia, amarrou-a depois á grade muito bem amarrada e desceu por ela.

No castelo encontrou três damas muito lindas, presas a uma arca pelos seus formosos cabelos. Tinham sido presas pelos gigantes que tencionavam assá-las no forno para o jantar daquele dia que seria de alegria para os gigantes, mas foi afinal para José por ter dado cabo de mais dois gigantes, aos quais cortou o cabelo para a mãe fazer mais tapetes, que vendeu por bom dinheiro.

19 de Outubro de 1927.

F I M